

Jardim dos Cedros:
os caminhos de Kabhir

© 2025 — Sarah Goldman

O Jardim dos Cedros: os caminhos de Kabhir

Sarah Goldman

Ditado pelo Espírito

Kabhir

Todos os direitos desta edição reservados a
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira
Marques CEP 13485-150 — Limeira — SP

Fone: 19 3451-5440

www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão, por escrito, do editor.

Revisão: **Gerson Ferracini**

Projeto gráfico: **Sérgio Carvalho**

Ilustração da Capa: **Banco de imagens**

ISBN 978-65-5727-199-5 — 1ª Edição – 2025

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*

Produzido no departamento editorial da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA

Impresso na



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Kabhir (Espírito)

O Jardim dos Cedros : os caminhos de Kabhir
/ psicografado pela médium Sarah Goldman – Li-
meira, SP: **EDITORA DO CONHECIMENTO**, 2025.

430 p.

ISBN: 978-65-5727-199-5

1. Literatura espírita 2. Espiritismo - Mensagens
3. Obra psicografada I. Título II. Godman, Sarah
III. Série

255101-

CDD – 133.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura espírita

Sarah Goldman

O Jardim dos Cedros: os caminhos de Kabhir

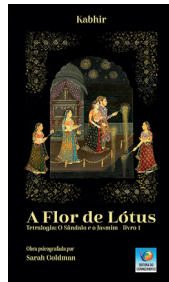
**Epílogo da tetralogia:
O Sândalo e o Jasmim**

Ditado pelo espírito Kabhir

1ª edição – 2025



Tetralogia *O Sândalo e o Jasmin*



A Flor de Lótus (livro 1)



O Espinheiro em Flor (livro 2)



O Bosque dos Abetos (livro 3)



O Roseiral (livro 4)

Dedicatória

Ao Bando de irmãs.

*nós poucos, nós felizes poucos, nós bando de irmãos;
pois aquele que hoje derramar seu sangue comigo
Será meu irmão; por mais vil que seja, este dia en-
grandecerá sua condição*

De Henrique V, Ato IV, Cena III - William Shakespeare

Sumário

Mensagem dos autores espirituais	9
--	---

Parte 1

Lembranças que nos chegam pelo Jardim dos Cedros	12
1 – O retorno à pátria espiritual	12
2 – Entre os cedros	15
3 – Fátima.....	21
4 – O coração alheio.....	27
5 – Se vossa mão é causa de escândalo, cortai-a	33
6 – Dalila.....	36
7 – Quem não tiver pecado, que atire a primeira pedra	42
8 – O mal e o remédio.....	46
9 – Zeferina.....	53
10 – Credores diferentes	58
11 – O bom combate.....	63
12 – Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo.....	69
13 – A dor alheia	74
14 – Não se perderá nenhuma ovelha que meu pai me confiou.....	80
15 – A veste física.....	85
16 – Fermento velho	91
17 – O jugo leve	97
18 – Stefano.....	104
19 – Aflições	110
20 – Limites da encarnação	116
21 – Os talentos	121
22 – Domicius, Justa e o espinheiro.....	126
23 – O tempo	132
24 – O bispo.....	140
25 – Dom Benedetto e a Lei Divina	148
26 – A família de Bérgamo	152
27 – O carvalho	159
28 – O cedro: palavras de Kabhir	164
29 – Petrus.....	168
30 – Não me ofenda com sua luz	174
31 – Recapitulações	178
32 – O casamento de Chandan e Kalanthara.....	182
33 – O dia da minha ruína.....	187

34 – Ninguém peca sozinho	191
35 – Faltas	195
36 – Os olhos se abrem	201
37 – E a quem se compeliu a caminhar uma milha, vai com ele duas	206
38 – A questão de Anur	209
39 – Somos herdeiros de nós mesmos	216
40 – O capacete	223
41 – No reino do norte	227
42 – Redirecionamento de Uberto	231
43 – Chandan e o coração	239
44 – E olhai por vós	244
45 – Primeiro reencontro	248
46 – Um rei apaixonado	253
47 – A estrada pedregosa	256
48 – Em família	260
49 – Conhece-te a ti mesmo	264
50 – O cedro que perfuma	267

Parte 2

Memórias de Kabhir	271
51 – A queda	271
52 – Aghrantes	279
53 – Em terras estranhas	286
54 – Nas terras do Kemet	290
55 – Estudos	295
56 – A chegada do rei Amendhara	300
57 – Três homens do deserto	305
58 – Vigia quem bate à tua porta	313
59 – Kabhir e as leis naturais	319
60 – Examina a própria aflição	325
61 – Kabhir e a lei de adoração	330
62 – Kabhir e a lei do trabalho	335
63 – Kabhir e a lei de reprodução	344
64 – Uma história jamais contada	351
65 – Kabhir e a lei de conservação	357
66 – Kabhir e a lei de destruição	367
67 – Kabhir e a lei de sociedade	372
68 – Kabhir e a lei do progresso	379
69 – Kabhir e a lei de igualdade	388
70 – Kabhir e a lei de liberdade	395
71 – Kabhir e a lei de justiça, amor e caridade	404
72 – Somos todos tecelões divinos	409
73 – A caminho do reino	414
74 – Despedidas	418
Pirataria espiritual	425

Saudações fraternas, caros leitores

É com alegria, esperança e gratidão a Jesus que entregamos esse quinto livro, que traz com singularidade as recordações do grupo de espíritos já conhecido por aqueles que acompanham a série *O Sândalo e o Jasmim*, lembranças estas narradas por eles mesmos quando reunidos no plano extrafísico em período transcorrido “entre vidas”.

Neste revelador retrospecto de um tempo que precedeu os nascimentos descritos em *O bosque dos abetos*, terceiro volume desta coleção, esses espíritos irmãos, isentos das limitações da matéria densa, atenderam a uma demanda terapêutica de seus corações e, não sem dores, revisitaram eventos e episódios outrora vivenciados, agora observando-os e analisando-os sob a luz do esclarecimento, permitindo-se corajosamente reconhecer suas falhas, mas também as conquistas que lhes passaram despercebidas. Tanto para eles quanto para nós, o resultado desse grande investimento na própria evolução, advindo da responsabilização pelos acontecimentos pregressos, dependerá sempre de como escolhermos nos relacionar com a Lei Divina de justiça, amor e caridade.

Nesse processo de refazimento psíquico, cada um usufrui da misericórdia que tem no coração, para si e para os demais, e percebe a seu modo quanto o amor infinito do Pai nos coloca em situações necessárias à reconstituição de vínculos de caridade, respeito e amor.

Nossos amigos puderam conhecer o alcance de seus próprios atos, constatar as dores que causaram uns aos outros em decorrência de decisões egoístas, desprezo, indiferença ou mesmo atitudes irrefletidas, descuidados do coração alheio e distanciados da recomendação do Cristo: *“Assim, tudo quanto quereis que vos façam, também fazei a eles, pois esta é a Lei e os profetas”*.

Quem de nós se considera capaz de dimensionar o alcance que uma atitude intempestiva ou premeditada, filha

da ira, da revolta ou do orgulho, pode ter, bem como os desdobramentos que podem dela advir? Viver exige atenção e cuidado, tanto consigo quanto com os outros.

Não pensem os amigos leitores que os personagens aqui revisitados sejam seres plenamente evoluídos. Melhor seria dizer que as reflexões aqui narradas provêm de espíritos sinceramente dispostos a conhecer o próprio âmago, desejosos de remover os hábitos e automatismos que até então moldaram suas vivências, para que, despojando-se desses véus ilusórios, consigam reposicionar-se na estrada evolutiva, buscando com compreensão e confiança o realinhamento com a Lei Divina.

Nestas páginas, o leitor atento perceberá que a dor nos iguala a todos e nos aproxima. Grande engano seria crermos que nossos sofrimentos sejam castigos de Deus. Não, porque Ele não pune. Perante a Lei Divina, que rege tudo o que existe, todos temos responsabilidades e por elas responderemos, reparando em tempo propício aquilo que houvermos violado, sempre que possível por meio do amor.

À pergunta “Mas a quem cabe dar o primeiro passo?”, a resposta é bem simples, ainda que desafiadora: a iniciativa compete àquele que deseja pacificar o próprio coração. Todos somos alunos neste planeta-escola.

Tragamos a claridade do amor e do entendimento para dentro de nossas almas. Jesus nos trouxe o Evangelho por roteiro. Olhemos nossa própria realidade, procurando enxergar quem somos. Observemos se guardamos atados ao coração sentimentos tóxicos e paralisantes que consomem nossas melhores energias: culpas, mágoas, desafetos, inconformismos. Busquemos libertar nosso espírito dessas amarras de dor, sofrimento, rancor e desejos de vingança. Qual de nós não traz erros na bagagem? Qual de nós pode atirar a primeira pedra? Por que não considerar a possibilidade do perdão, inclusive a si mesmo?

Insistimos em exigir dos outros o que ainda não são capazes de dar, esquecendo que compreender e aceitar com o coração os limites de cada um nos propicia a ampliação de nossa tolerância e nosso sentido de humanidade.

Como é salutar ao ser humano conhecer a si, poder recordar sem mergulhar no paralisante lago de pesares e culpas em que tantos estacionam indefinidamente. E, melhor ainda, é conseguir perceber a marcha evolutiva transcorrendo dinâmica, embalada pelo fluxo universal contínuo

e permanente do amor divino, liberto de dores e receios de penas eternas...

O apóstolo Paulo nos diz que “nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados”. Sim, todos o seremos. É a Lei.

Resguardem seu coração e seus pensamentos. Avaliem seus desejos, motivações, propósitos, atitudes. Busquem no Evangelho a direção segura para seu caminhar pela vida.

Lembrem-se de que nunca estamos esquecidos pelo Pai, pois nada nem ninguém pode nos separar de Seu amor. Cada um de nós pertence à imensa família universal, da qual somos parte inseparável, inestimável e indispensável.

Pedimos-te, Mestre Jesus, que cada leitor que adentre estas páginas nelas identifique como é incomensurável a dimensão de teu amor, desvelo e proteção junto a cada um de nós, tuas ovelhas pelo Pai designadas a teus cuidados, para que nenhum de nós volte a ser arrebatado de tuas luminosas mãos.

Recebam, irmãos leitores, nosso abraço fraterno.

Paz e Bem a todos!

Guias espirituais da obra O Sândalo e o Jasmim

Parte 1

Lembranças que nos chegam pelo Jardim dos Cedros

1 – O retorno à pátria espiritual

Após o desencarne como Emília no século 15 e antes de renascer como Gabrielle no centênio seguinte, o espírito que, desde o primeiro livro desta série, conhecemos pelo nome de Nalini foi recebido em uma colônia denominada Cruzados da Esperança, uma das muitas existentes nas proximidades das regiões astrais inferiores e destinada principalmente a ser um posto de socorro a aflitos^[1] que sucumbiram às culpas, medos e julgamentos da própria consciência.

Foi absolutamente necessária essa acolhida naquele recanto de paz, que aguardava esse espírito rebelde e inquieto com oportunidades de aproveitamento de seus potenciais de servir, oferecendo-lhe ainda períodos para refletir sobre os atos cometidos nas últimas existências terrenas. A estada seria especialmente uma ocasião de aprender servindo, reavaliando de modo mais profundo as decisões tomadas e responsabilizando-se por suas consequências.

Longe de ser um processo humilhante e doloroso, tal possibilidade lhe seria um oportuno lenitivo regenerador.

As oportunidades de servir não cessam com o fim da vida física. Muito pelo contrário, são amplificadas pela misericórdia de Deus, que visa nosso aprendizado definitivo e a aceitação irrestrita de Seu magnânimo amor em nosso coração.

[1] Ver o relato apresentado no livro *Os mensageiros*, capítulo 16 (“No posto de socorro”), volume 2 da coleção *A vida no mundo espiritual*, ditada pelo espírito André Luiz e psicografada por Francisco Cândido Xavier. Federação Espírita Brasileira.

Nesse novo cenário, ela seria acompanhada por vários espíritos que lhe foram caros, o que ocorreria em diferentes momentos, considerando a tarefa a ser executada e a lição a ser aprendida. Ora estaria ao lado de Kabhir, ora junto a Chandan e até mesmo ao lado de Uberto, seu esposo abandonado na Lombardia, além de outros que cruzariam seu caminho visando mútuo aprendizado.

Apenas como recapitulação, lembremo-nos de que Emília, ao desencarnar, carregava pesados débitos decorrentes de decisões tomadas naquela existência, que comprometeram grandemente sua evolução.

Ainda que houvesse amparado desvalidos e se dedicado a significativas ações de caridade com seus próprios recursos e com o coração empenhado na generosidade, sempre deu daquilo que lhe era farto, fosse seu tempo ou seus recursos materiais. Isso, sem dúvida, lhe seria levado em conta, mas dela se esperava muito mais, e isto a deixava temerosa frente aos passos ainda desconhecidos. A necessidade de reparação, no entanto, urgia em sua consciência.

As questões que a consumiam não eram poucas. Culpava-se por ter abandonado aqueles que tanto a amaram. Revoltara-se por não ter-lhe sido permitido se casar com Alessandro, a quem de fato amava. Fugira com o padrasto, que nutria por ela sentimentos doentios que só pioraram à medida que ela passou a desprezá-lo ao longo dos anos. Culpava-se ainda por ter sentido durante meses o desejo de tirar a própria vida por não suportar a perda da filha. Isto sim a atormentava, pois sabia em seu íntimo que aquele pensamento abrira em seu coração as mais sombrias portas. Naqueles dias de desespero, passou a compreender, aplicando a devida misericórdia, o sofrimento humano, a dor que iguala a todos.

Criara intrigas contra dom Benedetto, seu avô, ainda que este fosse responsável em grande parte por sua infelicidade. Negligenciara a formação religiosa recebida de padre Obono e de sua ama, a generosa Donata. Enfim, Emília tinha em seu coração pesados fardos a serem aliviados, e o trabalho na colônia certamente a auxiliaria a programar para si mesma melhores decisões futuras.

Tão logo despertou nessa colônia, e percebendo que desta vez não retornara a Ashwattha, o imemorial lar espiritual em que tantas vezes estivera entre sucessivas vidas, e do qual guardava as mais felizes lembranças, en-

tristeceu-se profundamente, mas a abordagem amorosa de Orpheus, na coordenação deste novo local de paz, a fez conter-se e evitar lamúrias, ao mesmo tempo que percebia possibilidades de servir.

É nesta perspectiva que se dará esta etapa de sua vida no mundo espiritual.

Orpheus seria para ela um professor peculiar, pois mantinha com Nalini poderosos laços de um passado longínquo que também necessitava reparar.

Através das experiências aqui retratadas, grande parte das histórias pregressas dos espíritos que viemos a conhecer nos volumes anteriores ficarão esclarecidas e, quem sabe, deixaremos de julgar esta ou aquela atitude observada nos episódios neles relatados, de modo que, no espaço liberado em nosso coração ao nos abstermos de julgamentos, possam emergir a solidariedade e o abraço fraterno para aqueles que, como nós, tentam dia após dia vencer a si mesmos.

2 – Entre os cedros

A colônia Cruzados da Esperança, situada no espaço astral da Europa, abrigava espíritos de vários períodos históricos, até mesmo de alguns nunca registrados.

A maioria dos residentes percorrera longo caminho nas estradas da intolerância religiosa e da ilusão em posições de nobreza e poder, assim como nos desvios de conduta oriundos de apegos a grupos, famílias e terras. Contudo, a intolerância frente às diferenças de crença marcava a grande maioria daqueles espíritos.

Nalini, como a chamaremos neste livro, pois ela teve permissão para apresentar-se como tal, encontrava-se acolhida em um dos ambientes destinados a espíritos cujo coração já despertava para o desejo de equilíbrio junto à Lei Divina. Além disso, ela conhecia em seu íntimo as razões de havê-la violado, e tal consciência era fundamental para que pudesse começar a servir naquele novo cenário.

As motivações, com o tempo, se tornaram inquietação, levando-a a pedir a um dos dirigentes daquela senda que avaliasse se ela dispunha dos requisitos necessários para realizar uma série de visitas aos aflitos e enfermos espirituais, cujos relatos generosamente chegarão até nós.

O aposento a ela designado ficava próximo a um grande salão destinado aos estudos dos residentes da colônia, local este que ela frequentava assiduamente. Tudo era primorosamente organizado para que a harmonia necessária prevalecesse, facilitando as relações de integração e os estudos.

Um jardim, abundante em antigos cedros, estava permanentemente ao alcance da visão, já que todos os aposentos se abriam para ele. Para onde quer que ela olhasse, lá estavam eles, imensos, belos e irretocáveis, com seu aroma delicado e restaurador. Aliás, toda a colônia era cercada por magníficos cedros, pinheiros e abetos, além de outras coníferas desconhecidas dos encarnados, funcionando

como barreira energética suave, nunca agressiva, entre a colônia e as cidades tristonhas ao redor, habitadas por almas em agudo sofrimento.

Assim como a figueira fora um presente de povos antigos para Ashwattha, os cedros haviam sido presenteados por irmãos africanos para os espíritos que criaram a colônia Cruzados da Esperança.

A colônia fora erigida com grandes pedras brancas, apresentando um conjunto de várias torres harmônicas de diferentes proporções, que não traziam o peso dos castelos medievais, assemelhando-se mais a um convidativo mosteiro. Sobre a mais alta delas, ondulava a flâmula que identificava aquele local. Nela, uma cruz azul se sobrepunha a um sol flamejante, de rico amarelo-ouro, fazendo com que aqueles que buscassem auxílio, exaustos pelo sofrimento, pudessem de longe identificar o abrigo de acolhida.

Grandes janelas eram emolduradas pela mesma madeira de que era feito quase todo o simples mobiliário, permitindo que uma agradável luminosidade, tanto diurna quanto noturna, adentrasse os muitos cômodos, inspirando à paz interior.

Embora com várias torres, a colônia tinha um único portão de acesso central e não era cercada por muralhas nem fossos. Apenas os cedros, os pinheiros e os abetos, belos e imponentes, formavam uma barreira energética natural.

Uma estreita alameda bem arborizada, com pavimento de pedras em diferentes tons de areia, levava os habitantes às cercanias da colônia, caminho este que deveria ser inevitavelmente percorrido a pé. Somente em casos de extrema necessidade é que algum meio de transporte era utilizado.

O objetivo daquela composição arquitetônica, além de inspirar serenidade, era o de atrair espíritos sofredores para o ambiente depurador da fortificação sem que precisassem ultrapassar muralhas e portais. O conjunto, visto de fora, era convidativo.

Nalini compreendia aos poucos a necessidade de apaziguar seu coração e, ao contemplar pensativa as frondosas árvores, lembrava-se espontaneamente de seu benquisto Kabhir, guia espiritual que sempre lhe fora extremamente caro e o seria ainda mais, tão logo ela se recordasse dos sacrifícios que ele vivenciara em prol de sua evolução.

Preferia, porém, não pensar em Chandan, a fim de não sofrer com as saudades, o que desequilibraria o sereno ambiente com emoções ainda conflitantes. Tivera temporariamente negados seus pedidos de rever a filha Bellucia, covardemente assassinada, e sua querida ama, Donata, mas apesar da contrariedade que experimentou frente a essa recusa, aprendia aos poucos a esperar o momento oportuno para tudo.

Lembrava-se de seus primeiros instantes na colônia após o desencarne, quando sentia incontrolável desejo de repousar, e recordava que, à medida que tal necessidade diminuía, pudera se dedicar com maior interesse aos estudos. Era agora assídua visitante da preciosa biblioteca.

Em tempo consideravelmente curto, já apresentava bom grau de consciência de si, de seus percursos nas encarnações e da premência em reavaliar as motivações do próprio coração.

Na colônia, observava que emissários de várias nações europeias ligados à fé cristã misturavam-se a outros tantos de outras crenças, como hebreus, muçulmanos, hindus, celtas e africanos, entre muitos outros, convívio este sempre harmonioso e inspirador, causando até certo espanto nos recém-chegados, que embora fossem almas gentis, ainda acreditavam que os cristãos eram maioria no mundo espiritual.

Cuidados eram sempre tomados com os que vinham carregados desse padrão psíquico, a fim de evitar alguma suscetibilidade, como era o caso de recém-chegados resgatados de cidades vizinhas, envoltas em trevas, que haviam desencarnado durante as primeiras cruzadas. Em tais casos, eles passavam o tempo necessário ao lado de líderes religiosos de sua própria fé, que os auxiliavam a gradativamente perceber a nova realidade que se apresentava. Reaprenderiam que Deus habita corações e não templos.

Os trabalhadores da colônia Cruzados da Esperança eram missionários oriundos de muitas nações e tempos históricos. Tinham em comum a constatação da imortalidade do espírito e da fraternidade inerente entre os seres. Eram de singular generosidade e exemplificavam a tolerância, tendo como objetivo maior auxiliar os que lá chegavam para que removessem as escamas de intransigência e de ódio que lhes encobriam os olhos.

Nalini, desde que chegara, era acompanhada por dois

espíritos generosos. Eram Abel e Fátima, que há tempos atuavam junto aos que ali ingressavam. Abel foi um fariseu que viveu na Palestina alguns anos antes da chegada de Jesus. Fátima foi uma das esposas de Jamaludin^[2] e tornou-se, após a morte do esposo, uma servidora dos enfermos no deserto. Falaremos dela oportunamente.

A jovem Nalini dispusera-se a auxiliar, e só aguardava o aval dos dirigentes da colônia para que iniciasse algum trabalho. Foi então que em um belo final de tarde, daqueles com céu alaranjado e róseo, foi chamada por Orpheus para uma entrevista junto aos dois novos amigos. Ela ansiava por esse momento e, com grande expectativa, foi por ele recebida. Presente também, além de Abel e Fátima, estava Olívia, que havia sido sua cunhada em encarnação na Lombardia.

Olívia aproximou-se e afetuosamente abraçou Nalini, que inicialmente não a reconheceu, como se parte de seu passado lhe estivesse obliterado, mas aos poucos recordou-se da cunhada a quem abandonara, juntamente com o próprio irmão, Amadeo.

Sentiu tão contundente vergonha por aquela lembrança, que baixou a cabeça e seu corpo espiritual se encolheu visivelmente.

Olívia, percebendo que gerara algum constrangimento, confortou-a:

– Querida cunhada e irmã do coração, não se acanhe com meu abraço. Amadeo e eu sabíamos que você havia fugido com Stefano e a perdoamos inteiramente. Uberto, meu irmão, de fato sofreu pelo duro golpe recebido, mas acredito que com o tempo ele também se juntará a nós e a abraçará com o mesmo afeto.

Abel então convidou todos a sentarem-se perto dali e, sem perder mais tempo, disse:

– Nalini, sua vinda para esta colônia deve-se a algumas razões. A primeira é que você foi afluída e solicitada por Mali, a mentora de seu grupo espiritual, e pelo estimado Kabhir, que detém méritos suficientes para tal pedido. A segunda razão foi seu merecimento pelas muitas ações de caridade e boa vontade praticadas junto às crianças do vilarejo em que viveu, além dos esforços prote-

[2] Personagem do livro 1 desta série: *A flor de lótus* (parte 2). Em encarnação anterior, Jamaludin havia sido Chandan. (Ver quadro de renascimentos dos personagens no final deste volume.)

tivos junto a padre Ambrozy, que significaram muito para aquelas famílias por ele amparadas. Em terceiro lugar, é claro, consideramos seu trabalho junto de Alessandro na construção de postos de socorro aos doentes nos arredores de Roma. Finalmente, sua vinda para cá deve-se ainda ao fato de que precisará de todo o preparo necessário em termos de tolerância para que sua próxima encarnação seja frutífera.

E explicou:

– Aqui, entre o Sol benfazejo e a cruz que nos une, aco-
lhemos espíritos belicosos, acirrados em suas convicções
religiosas, que quando encarnados mostravam-se dispo-
stos a lutar e dar a vida por aquilo que professavam. Eram
soldados de suas crenças, embora esquecendo-se do amor,
da caridade e da tolerância. Mataram em nome de seus
ídolos, de seus sacerdotes, de seus faraós, de seus impe-
radores e, tristemente, em nome de Deus... Não puderam
entender que somos servidores do Cristo, que une a todos
com o estandarte da cruz do sacrifício e do Sol benevolente
que a todos envolve com seu calor. Buscamos aqui a re-
orientação desses irmãos, dando-lhes oportunidades de di-
rigir suas intensas energias à luta verdadeiramente neces-
sária, mas de modo absolutamente tolerante e generoso
para com todos, indistintamente, reconhecendo a presença
de Deus em todas as formas de expressão religiosa, mes-
mo quando muito diferentes das suas.

Orpheus então tomou a palavra:

– Mais uma vez seja bem-vinda, Emília, ou, como pre-
fere aqui ser chamada, segundo lemos em seu campo men-
tal: Nalini. Estou muito feliz por estar conosco, como já
lhe disse também em nossa primeira entrevista^[3]. Sei que
rememorar suas falhas de vidas anteriores lhe havia sido
muito doloroso, e peço-lhe desculpas por lhe impor tais re-
cordações tão prontamente, mas, acredite-me, foi necessá-
rio. Lembrar-se de que o uso indevido de sua inteligência
e poder mental fez com que arrastasse consigo muitas al-
mas, que a você se imantaram durante séculos, não é tare-
fa amena. No entanto, Deus, em Sua misericórdia, sempre
nos abre a possibilidade curadora da reparação. Agora,
vida após vida, você deverá se responsabilizar por auxiliar
esses aflitos a retornarem ao equilíbrio oferecido pela acei-

[3] O conteúdo mencionado na primeira entrevista entre Nalini-Emília e Orpheus é relatado livro 3 desta série: *O bosque dos abetos*.

tação da Lei Divina. Ainda que a esses irmãos a estrada possa parecer obscura e infindável, você lhes será o lumiar seguro e constante. Será uma longa jornada, mas sabemos que, mesmo entre tropeços, você vem cumprindo a tarefa a que se propôs antes de cada renascimento.

E revelou-lhe:

– Percebemos em seu coração questionamentos ininterruptos sobre os diferentes motivos que a fizeram passar por seguidas provas, que você tende a julgar imerecidas, mas chegamos à conclusão, junto de seus mentores, de que lhe falta ainda permitir-se um contato mais direto com as dores de seus semelhantes, dores que você sempre achou serem menores que as suas. Muitos atos que você cometeu não foram devidamente mensurados e acabaram por ferir sentimentos, a ponto de até comprometerem os processos evolutivos de almas com quem conviveu. Embora cada um responda aos eventos apenas por si mesmo, de acordo com a lei de liberdade, as ações que você praticou acabaram por afetá-los diretamente. Perante a Lei Divina, todo poder é, antes de tudo, responsabilidade.

Ele continuou, plenamente sereno e confiante, a ponto de apaziguar a inquietação que nela percebia:

– Por alguns dias, deverá passar um período com Fátima, que presenciou grande parte de sua desventura nas areias da Síria e, posteriormente, com Olívia, que foi sua cunhada na Lombardia. Outros encontros lhe estarão reservados e falaremos deles oportunamente. Simultaneamente, você será designada a acompanhar algumas visitas nas cidades vizinhas, embora apenas como observadora, e sempre ao lado de Olívia ou Fátima. Está disposta? Poderá também ocupar-se de trabalhos na biblioteca e salas de estudo.

Não havia o que interpor. Nalini acenou positivamente e dirigiu-se aos locais de estudo, onde pediu permissão ao responsável para que pudesse auxiliar no que fosse necessário. Devido ao conhecimento que ela inequivocamente já possuía, foi escalada para orientar aqueles que buscavam algum recurso literário de tempo histórico específico, muitas vezes acompanhando-os nesses estudos, o que lhe deu grande satisfação. Poderia, pensava ela, passar o resto de seus dias nessas atividades, mas o trabalho lhe era muito mais necessário que o estudo, ao menos naquele momento.